

Editorial

Numa das praças da cidade da Beira, uma enorme garrafa de Coca-Cola celebra hoje um hino à modernidade burguesa. Ao tempo local dos monumentos aos heróis e aos símbolos da revolução, sucede agora, em Moçambique, o tempo universal dos monumentos aos heróis e aos símbolos homogeneizadores do Capital à americana.

Esta Coca-Cola que invade o território local dos wuputsus, kapangas, pombes e othekas é uma modelar exemplificação do quadro subvertor pintado no «Manifesto Comunista» por Marx e Engels há 150 anos, a propósito das consequências da globalização burguesa:

«Todas as relações fixas, imobilizadas, com a sua aura de ideias e de opiniões veneráveis, são destruídas; todas as novas relações, recém-formadas, tornam-se obsoletas antes de ossificar-se. Tudo o que é sólido se desfaz, tudo o que é sagrado é profanado (...)».

Cento e cinquenta anos depois, nesta Maputo da modernidade perversa dos chapas, Lurdes Ivete, 30 anos, mãe solteira, desempregada e residente no bairro de Laulane, disse, angustiada, a um investigador, quando viajava num chapa que ia do Xipamanine para o bairro de Hulene (veja texto de Victor Matsinhe): «Eh pá!, a sociedade está de pernas viradas para o ar».

Eis a introdução a este número especial de «Estudos Moçambicanos» no qual, entre o dado e a teoria, o ensaio e a estatística, seis autores procuram, com estilos e extensões diferentes, descrever e teorizar o mundo contraditorial e alotrópico da tradição e da modernidade, afinal bem mais complexo e híbrido do que aquele descrito por Marx e Engels.

O primeiro texto é de João Carlos Colaço, um jovem mestrado em Sociologia e meu assistente no Centro de Estudos Africanos. Responsável por uma equipa formada por 12 estudantes da Cadeira de «Metodologia de Investigação» e pelo jornalista Vitor Matsinhe do jornal o « metical», Colaço procura condensar e analisar os resultados de uma pesquisa feita sobre a «mentalidade chapa 100» na cidade de Maputo. Nessa pesquisa, que combinou observação directa, diários de campanha e entrevistas, foram ouvidas 384 pessoas no decorrer de 512 viagens em 13 linhas de chapas. Tal como Victor Matsinhe, a seguir, João Colaço mostra um mundo ambivalente no qual, por exemplo, as avarias dos chapas são, para os utentes, uma oportunidade para não pagar e, para os motoristas, um pretexto para atribuir o fenómeno à feitiçaria dos primeiros.

O texto seguinte, um excepcional manifesto de realismo social, é um dos diários de campanha dessa pesquisa, elaborado pelo jornalista Victor Mastinhe, de o «metical». Este soube captar a vida intensa, complexa e contraditorial da modernidade perversa das periferias e dos chapas, o mundo da acumulação desenfreada de Capital, da falta de escrúpulos, da violência, da sordidez e da crueldade do pobre para com o pobre, do sofrimento e da privação, do medo e da tensão, da delinquência e da corrupção policial, das carências mas também dos sonhos, do anonimato mas

também do individualismo, da indiferença mas também da solidariedade, do ódio mas também do amor, da tristeza mas também da esperança, do conformismo mas também do protesto. Eu creio que será para muitos de nós difícil não chegar ao fim desse extraordinário documento, de crítica social, sem nos emocionarmos e sem nos interrogarmos sobre o quotidiano dramático e triste de milhares de Moçambicanos, excluídos dos ritmos e dos êxitos macro-económicos orgulhosamente proclamados por economistas e políticos deste País.

Com os textos de Colaço e Matsinhe, novas formas de identificar, de ler e de descrever o social surgem na jovem sociologia moçambicana.

O terceiro texto é do jornalista e estudante universitário Filimone Meigos. Portador de um estilo inovador de escrita, Meigos defende as epistemologias do paradoxo e faz uma elegante crítica às assimetrias sociais. Eis uma passagem do seu trabalho: «Da enxada ao computador, do bova xita duma com chapa de matrícula sul-africana ao Ford Minengue, do culto dos **four by four** aos celulares, tal é o movimento que corporiza esta modernidade ambígua, contraditorial, que põe lado a lado uma faculdade de agronomia equipada com computadores e uma machamba de tipo artesanal de enxada.»

O quarto texto, sóbrio e belo, é do jornalista Machado da Graça. Debruçando-se sobre a modernidade que entra via rádio, escreveu: «E, ao aprender a usar o botão que liga e desliga o rádio, o camponês está a começar a controlar o milagre. Está a dar um passo significativo em direcção à modernidade.»

O quinto texto é de uma jovem licenciada da Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais da UEM, Margarida Paulo. Interrogando-se sobre a modernidade em Moçambique, observou que a capulana, antes usada pelas mulheres adultas, passou «a ser usada também por jovens em todos os ambientes sociais como: rua, escola, serviço, praia, etc., às vezes numa versão «desfiada» (moderna) estilo «canga».

O sexto e último texto é de um outro jovem sociólogo, Joaquim Fumo, licenciado e também meu assistente no CEA. Ele aceitou o desafio de estudar a relação entre pré-modernidade e modernidade na Faculdade de Medicina da UEM. Durante cinco meses trabalhou na Faculdade, combinando três métodos: a observação directa, a escala de atitudes e a entrevista. Recusando fazer uso das epistemologias binárias, Fumo procura mostrar que os estudantes de Medicina não só não perdem as suas tradições, que modernizam, como ganham outras, que tradicionalizam. Fala, a esse propósito, de hibridismo e de alotropismo.

Finalmente, importa fazer aqui uma referência muito especial à dedicação da directora do CEA, Teresa Cruz e Silva, que se empenhou para que esta revista voltasse de novo às vossas mãos, após dois anos de interrupção.

Carlos Serra

Maputo, 19 de Julho de 1998